



PERFIS “MANDRAKE” NO INSTAGRAM:

Estratégias comunicacionais e estética do crime entre jovens da periferia de São Paulo

Prof. Dr. David Pimentel Barbosa de Siena

david.siena@online.uscs.edu.br

Palavras-chave: Comunicação digital. Redes sociais. Juventude periférica. Estética do crime.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as redes sociais digitais consolidaram-se como arenas privilegiadas de construção identitária e circulação simbólica, especialmente entre grupos juvenis de periferia. Nesse contexto, emerge a subcultura dos chamados “mandrakes” – jovens associados a práticas ilícitas, notadamente roubos de motocicletas e celulares, que transformam os frutos de suas atividades em capital comunicacional nas plataformas online.

Perfis como @drakes_da_sul157_ e @drakes_daleste_ exemplificam essa dinâmica ao ostentar motos, roupas de grife e símbolos de risco, convertendo experiências criminais em narrativas de status e pertencimento. O fenômeno suscita questões fundamentais para os estudos da comunicação: de que modo práticas ilícitas são ressignificadas como performances estéticas? Como a linguagem visual, verbal e interacional no Instagram reforça valores de coragem, masculinidade e distinção subcultural?

Amparado pela Criminologia Cultural (Ferrell, 1999; 2024) e pelo conceito de edgework (Lyng, 1990), este estudo propõe compreender os “mandrakes” não apenas como transgressores da ordem legal, mas como produtores de sentido que exploram o ambiente midiático para legitimar suas trajetórias. Ao estetizar o crime e territorializá-lo nas redes, esses jovens criam formas alternativas de reconhecimento e resistência simbólica, projetando na comunicação digital um estilo de vida que mistura risco, ostentação e contestação à marginalização social.

1.1. Pergunta Problema e Objetivos

A crescente presença da subcultura mandrake no Instagram evidencia como práticas associadas à criminalidade juvenil periférica se convertem em conteúdos comunicacionais de grande alcance. Fotos, vídeos e interações não apenas documentam delitos, mas os reconfiguram em performances de ostentação, bravura e estilo. Perfis como @drakes_da_sul157_ e @drakes_daleste_ demonstram que motos roubadas, roupas de marca e gírias da quebrada assumem valor simbólico ao serem exibidos digitalmente, articulando narrativas de poder e reconhecimento coletivo.

Diante desse cenário, coloca-se o problema central desta pesquisa: como a comunicação digital, por meio do Instagram, transforma práticas criminais em estratégias de visibilidade, construção identitária e resistência cultural? Essa indagação desdobra-se em outras: quais

códigos visuais e linguísticos sustentam a estética do risco? De que maneira os seguidores participam do processo, reforçando o status e a legitimidade simbólica dos “mandrakes”? Até que ponto o *edgework* (Lyng, 1990) e a estética cultural do crime (Ferrell, 1999; Hayward & Young, 2015) ajudam a compreender esse fenômeno como comunicação performática? Ao problematizar tais questões, busca-se compreender não apenas os significados atribuídos ao crime no espaço digital, mas também como esses jovens reconstroem suas identidades em contextos marcados por exclusão social e invisibilidade midiática.

1.2 Justificativa

A realização desta pesquisa justifica-se pela relevância de compreender como práticas criminais juvenis, situadas em contextos de exclusão social, são ressignificadas nas redes digitais como performances comunicacionais. O fenômeno mandrake, ao estetizar o risco e transformar delitos em narrativas de ostentação, desafia os limites tradicionais entre crime, cultura e mídia. Tal dinâmica não apenas revela estratégias de construção identitária de jovens periféricos, mas também evidencia como o Instagram se consolida como espaço de visibilidade e resistência simbólica.

Considerando os objetivos propostos, este estudo contribui para preencher uma lacuna nos debates acadêmicos ao articular criminologia cultural e comunicação digital, oferecendo novas lentes para analisar a relação entre juventude, criminalidade e redes sociais. Além disso, alinha-se diretamente à proposta do V ENGEC de promover reflexões sobre comunicação em diferentes contextos institucionais e sociais, destacando a importância de se investigar fenômenos contemporâneos que atravessam tanto as práticas cotidianas de jovens marginalizados quanto os modos de circulação simbólica nas mídias digitais. Ao situar o mandrake como sujeito ativo na produção de significados, a pesquisa fornece subsídios para compreender como a comunicação digital se torna arena de disputa por reconhecimento e poder.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da presença mandrake no Instagram exige um diálogo interdisciplinar entre comunicação, criminologia cultural e estudos urbanos. A criminologia cultural (Ferrell, 1999; Ferrell, Hayward & Young, 2015) concebe o crime como prática cultural carregada de significados, performances e estilos, ultrapassando a visão restrita de violação legal. Nesse

marco, a exibição de atos ilícitos em redes sociais pode ser interpretada como produção simbólica e forma de expressão identitária.

O conceito de *edgework* (Lyng, 1990; 2005) elucida a busca voluntária por riscos e limites, convertendo o perigo em fonte de emoção, reconhecimento e autoafirmação. Nas práticas *mandrake*, o risco da atividade criminosa é ressignificado em conteúdo digital que projeta masculinidade, poder e distinção. Além disso, estudos sobre juventude e cultura urbana destacam como a estética periférica se articula em torno de moda, música e gírias (Feltran, 2018; Hirata, 2022), reforçando identidades coletivas.

No campo da comunicação, autores como Couldry (2012) e Castells (2009) evidenciam o papel das mídias digitais na construção de narrativas de resistência e na luta por visibilidade. Assim, o perfil *mandrake* no Instagram pode ser analisado como um dispositivo comunicacional que estetiza o crime, territorializa o risco e oferece alternativas de reconhecimento simbólico a jovens historicamente marginalizados.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com inspiração etnográfica, voltada para o estudo da comunicação digital em contextos periféricos. O corpus foi constituído por dois perfis públicos do Instagram associados à subcultura *mandrake* – @drakes_da_sul157_ e @drakes_daleste_ –, selecionados por sua relevância em termos de seguidores, frequência de postagens e circulação de símbolos típicos (motos, roupas de grife, gírias e ostentação).

Entre fevereiro e maio de 2025, foram observadas postagens, legendas, comentários e elementos gráficos (uso de emojis, filtros, músicas), compondo um material empírico de natureza visual e textual. A coleta seguiu procedimentos de observação não participante, preservando a integridade dos perfis e limitando-se a conteúdos disponíveis publicamente.

Para análise, utilizou-se a técnica de análise temática (Braun & Clarke, 2006), categorizando dados em eixos como estética do risco, estratégias comunicacionais, construção de identidade e interação com seguidores. O referencial teórico da criminologia cultural (Ferrell, 1999; Ferrell, Hayward & Young, 2015) e do conceito de *edgework* (Lyng, 1990) orientou a interpretação dos achados, articulando-os às teorias da comunicação digital e da cultura urbana. A metodologia, portanto, busca compreender como práticas criminais são

traduzidas em narrativas midiáticas e em performances identitárias nas redes sociais, respeitando os limites éticos de uma etnografia digital.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos perfis observados revelou que a subcultura mandrake se articula no Instagram por meio de uma estética comunicacional própria, na qual o crime é convertido em linguagem, estilo e capital simbólico. Em primeiro lugar, identificou-se a centralidade das motos como símbolos de status e mobilidade. As imagens de manobras perigosas, fugas e poses ao lado de veículos potentes reforçam a ideia de domínio do risco, conectando-se diretamente ao conceito de *edgework* (Lyng, 1990). As motocicletas, além de instrumentos de prática criminosa, tornam-se troféus e signos de distinção perante a comunidade digital.

Outro achado relevante foi o uso recorrente de roupas de grife e acessórios ostentatórios, que comunicam não apenas poder econômico, mas também pertencimento a um estilo de vida aspiracional. Marcas como Nike, Lacoste e Oakley são constantemente exibidas, compondo uma narrativa visual em que a apropriação de símbolos de consumo funciona como contraponto à exclusão social. A ostentação aparece, assim, como um código de reconhecimento interno e de resistência simbólica à desigualdade.

No campo da linguagem verbal, as legendas e interações revelam um vocabulário marcado por gírias periféricas, frases de ostentação e provocações. Expressões como “nóis tá como?”, “foguetes não tem ré” ou “é fuga no grau” reforçam a identidade coletiva, enquanto provocações dirigidas à polícia e a rivais evidenciam um tom de desafio permanente. Essa linguagem, somada ao uso abundante de emojis (caveira, moto, fogo, dinheiro), intensifica o caráter performático das postagens, transformando o cotidiano em narrativa estilizada.

As interações com seguidores confirmam a dimensão participativa do fenômeno. Comentários elogiosos, uso compartilhado de gírias e reprodução de slogans consolidam um processo de validação social, em que o público atua como audiência e coautor da identidade mandrake. O engajamento massivo em curtidas, comentários e compartilhamentos amplia a visibilidade e reforça a legitimidade simbólica desses perfis como referências culturais.

Por fim, observou-se que a presença digital mandrake não é aleatória, mas segue padrões de serialização narrativa e busca por alcance. Postagens após “conquistas” (exibição de motos, dinheiro, roupas novas) funcionam como capítulos de uma história contínua, mantida por alta

frequência de publicações e pela incorporação de tendências virais. Assim, o crime é estetizado e territorializado nas redes sociais, deixando de ser apenas prática ilícita para se tornar performance cultural e comunicacional. Os resultados, portanto, demonstram que a atuação mandrake no Instagram constitui um exemplo paradigmático de como juventudes periféricas ressignificam o risco e a criminalidade em estratégias de visibilidade, identidade e resistência simbólica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos perfis mandrake no Instagram evidencia que a criminalidade juvenil periférica, para além de sua dimensão legal, constitui também um fenômeno comunicacional e cultural. Ao ostentarem motos, roupas de marca e símbolos de risco, esses jovens não apenas documentam suas práticas ilícitas, mas constroem narrativas de pertencimento, masculinidade e distinção em diálogo com sua comunidade digital. A criminologia cultural e o conceito de *edgework* permitem compreender como o risco e a transgressão são estetizados e transformados em capital simbólico, conferindo prestígio e reconhecimento aos envolvidos.

Do ponto de vista da comunicação, os resultados demonstram que o Instagram opera como palco e audiência simultaneamente, possibilitando a legitimação coletiva da identidade mandrake. A interação com seguidores reforça códigos culturais específicos e amplia a visibilidade de uma juventude historicamente marginalizada. Assim, práticas criminais tornam-se performances de resistência e de afirmação simbólica, projetando nas redes um estilo de vida que subverte a exclusão social.

Conclui-se que compreender a comunicação mandrake implica reconhecer a complexidade cultural da criminalidade contemporânea, em que o digital é inseparável do real. O estudo reforça a necessidade de abordagens interdisciplinares que articulem comunicação, cultura urbana e criminologia, a fim de problematizar como redes sociais reconfiguram práticas ilícitas em narrativas de visibilidade e poder.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- COULDRY, Nick. *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Cambridge: Polity Press, 2012.
- FELTRAN, Gabriel. *Irmãos: uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FERRELL, Jeff. Cultural Criminology. *Annual Review of Sociology*, v. 25, p. 395-418, 1999.

FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. *Cultural Criminology: An Invitation*. 2. ed. London: SAGE, 2015.

HIRATA, Daniel. Dinâmicas do crime e mercados urbanos: notas de pesquisa. Dilemas: *Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 15, n. 3, p. 567-590, 2022.

LYNG, Stephen. Edgework: A Social Psychological Analysis of Voluntary Risk Taking. *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 4, p. 851-886, 1990.

LYNG, Stephen (ed.). *Edgework: The Sociology of Risk-Taking*. New York: Routledge, 2005.